

Audiência do Santo Padre com Comunhão e Libertação
Praça de São Pedro, 7 de março de 2015

Discurso do Papa Francisco

Caros irmãos e irmãs, bom dia!

Dou as boas-vindas a todos vós, e agradeço-vos por vosso afeto caloroso! Dirijo minha cordial saudação aos Cardeais e aos Bispos. Cumprimento padre Julián Carrón, presidente da vossa fraternidade, e agradeço as palavras que me endereçou em nome de todos; e agradeço também, padre Julián, por aquela bela carta que o senhor escreveu a todos, convidando-os a vir. Muito obrigado!

O meu primeiro pensamento vai ao vosso fundador, Mons. Luigi Giussani, recordando o décimo aniversário de seu nascimento ao Céu. Tenho reconhecimento a Dom Giussani por várias razões. A primeira, mais pessoal, é o bem que este homem fez a mim e à minha vida sacerdotal, através da leitura de seus livros e de seus artigos. A outra razão é que o seu pensamento é profundamente humano, e atinge até ao mais íntimo do anseio do homem. Vós sabeis quão importante era para Dom Giussani a experiência do encontro: encontro não com uma ideia, mas com uma Pessoa, com Jesus Cristo. Assim ele educou à liberdade, guiando ao encontro com Cristo, porque Cristo nos dá a verdadeira liberdade. Falando do encontro, vem-me à mente “A vocação de Mateus”, aquele Caravaggio diante do qual eu me detinha longamente, em São Luís dos Franceses, toda vez que vinha a Roma. Nenhum dos que estavam ali, incluído Mateus, ávido por dinheiro, podia crer na mensagem daquele dedo que o indicava, na mensagem daqueles olhos que o olhavam com misericórdia e o escolhiam para o seguimento. Sentia aquele maravilhamento do encontro. É assim o encontro com Cristo que vem e nos convida.

Tudo em nossa vida, hoje como no tempo de Jesus, começa com um encontro. Um encontro com esse Homem, o carpinteiro de Nazaré, um homem como todos e ao mesmo tempo diferente. Pensemos no Evangelho de João, lá onde narra o primeiro encontro dos discípulos com Jesus (cf. 1,35-42). André, João, Simão: sentiram-se olhados até ao profundo, conhecidos intimamente, e isso gerou neles uma surpresa, um maravilhamento que, imediatamente, fez com que se sentissem ligados a Ele... Ou quando, após a Ressurreição, Jesus pergunta a Pedro: “Me amas?” (Jo 21,15), e Pedro responde: “Sim”; aquele “sim” não era o êxito de uma força de vontade, não vinha só da decisão do homem Simão: vinha, antes ainda, da Graça, era aquele *primerear*, aquele preceder da Graça. Esta foi a descoberta decisiva para São Paulo, para Santo Agostinho e para muitos outros santos: Jesus Cristo sempre é primeiro, *primerea*-nos, espera-nos, Jesus Cristo precede-nos sempre; e, quando nós chegamos, Ele já estava esperando. Ele é como a flor da amendoeira: é a que floresce primeiro e anuncia a primavera.

E não se pode entender esta dinâmica do encontro que suscita o maravilhamento e a adesão sem a misericórdia. Só quem foi acariciado pela ternura da misericórdia conhece verdadeiramente o Senhor. O lugar privilegiado do encontro é a carícia da misericórdia de Jesus Cristo para com o meu pecado. E, por isso, algumas vezes me ouvistes dizer que o lugar privilegiado do encontro com Jesus Cristo é o meu pecado. É graças a este abraço de misericórdia que dá vontade de responder e de mudar, e que pode surgir uma vida diferente. A moral cristã não é o esforço titânico, voluntarista, de quem decide ser

coerente e o consegue, uma espécie de desafio solitário perante o mundo. Não. Esta não é a moral cristã, é outra coisa. A moral cristã é resposta, é a resposta comovida frente a uma misericórdia surpreendente, imprevisível, até mesmo “injusta” segundo os critérios humanos, de Alguém que me conhece, conhece as minhas traições e me quer bem ainda assim, me estima, me abraça, me chama de novo, espera em mim, espera de mim. A moral cristã não é nunca cair, mas levantar-se sempre, graças à sua mão que nos segura. E o caminho da Igreja é também este: deixar que se manifeste a grande misericórdia de Deus. Eu dizia, nos dias passados, aos novos cardeais: “O caminho da Igreja é não condenar eternamente ninguém; derramar a misericórdia de Deus sobre todas as pessoas que a pedem com coração sincero; o caminho da Igreja é precisamente sair do próprio recinto para ir à procura dos afastados nas ‘periferias’ da existência; adotar integralmente a lógica de Deus”, que é a da misericórdia (Homilia, 15 de fevereiro de 2015). Também a Igreja deve sentir o impulso alegre de tornar-se flor de amendoeira, ou seja, primavera como Jesus, para toda a humanidade.

Hoje vós relembrais também os sessenta anos do início de vosso movimento, “nascido na Igreja” – como vos disse Bento XVI – “não de uma vontade organizativa da Hierarquia, mas originada por um encontro renovado com Cristo e assim, podemos dizer, por um impulso derivante por fim do Espírito Santo” (Discurso à peregrinação de Comunhão e Liberdade, 24 de março de 2007).

Após sessenta anos, o carisma originário não perdeu seu frescor e sua vitalidade. Porém, lembrai-vos de que o centro não é o carisma, o centro é um só, é Jesus, Jesus Cristo! Quando coloco no centro o meu método espiritual, o meu caminho espiritual, o meu modo de atuá-lo, saio do caminho. Toda a espiritualidade, todos os carismas na Igreja devem ser “descentrados”: no centro está somente o Senhor! Por isso, quando Paulo, na Primeira Carta aos Coríntios, fala dos carismas, desta realidade tão bela da Igreja, do Corpo Místico, termina falando do amor, ou seja, do que vem de Deus, do que é próprio de Deus, e que nos permite imitá-lo. Nunca vos esqueçais disto, de serdes descentrados!

Além disso, o carisma não se conserva numa garrafa de água destilada! Fidelidade ao carisma não quer dizer “petrificá-lo” – é o diabo o que “petrifica”, não esqueçais! Fidelidade ao carisma não quer dizer escrevê-lo num pergaminho e colocá-lo num quadro. A referência à herança que vos deixou Dom Giussani não pode reduzir-se a um museu de lembranças, de decisões tomadas, de normas de conduta. Comporta certamente fidelidade à tradição, mas fidelidade à tradição – dizia Mahler – “significa manter vivo o fogo e não adorar as cinzas”. Dom Giussani nunca vos perdoaria se perdêsseis a liberdade e vos transformásseis em guias de museu ou em adoradores de cinzas. Mantende vivo o fogo da memória daquele primeiro encontro, e sede livres!

Assim, centrados em Cristo e no Evangelho, podereis ser braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja “em saída”. O caminho da Igreja é sair para ir buscar os afastados nas periferias, servir Jesus em cada pessoa marginalizada, abandonada, sem fé, desiludida pela Igreja, prisioneira do próprio egoísmo.

“Sair” significa também recusar a autorreferencialidade em todas as suas formas, significa saber escutar quem não é como nós, aprendendo com todos, com humildade sincera. Quando somos escravos da autorreferencialidade, terminamos por cultivar uma “espiritualidade de etiqueta”: “Eu sou CL”. Esta é a etiqueta. E depois caímos nas mil armadilhas que nos oferece a complacência autorreferencial, aquele olhar-se no espelho

que nos leva a desorientarmo-nos e a transformarmo-nos em meros empresários de uma ONG.

Caros amigos, gostaria de encerrar com duas citações muito significativas de Dom Giussani: uma do início e uma do fim de sua vida.

A primeira: “O cristianismo nunca se realiza na história como imutabilidade de posições a defenderem-se, que se relacionam com o novo como pura antítese; o cristianismo é princípio de redenção, que assume o novo, salvando-o” (*Porta la speranza: Primi scritti*, Genova [1967, 119]).

A segunda, de 2004: “Eu não apenas nunca pretendi ‘fundar’ nada, como considero que a genialidade do movimento que vi nascer é ter sentido a urgência de proclamar a necessidade de um retorno aos aspectos elementares do cristianismo, ou, em outras palavras, a paixão pelo fato cristão enquanto tal, em seus elementos originais, e nada mais” (*Carta a João Paulo II*, 26 de janeiro de 2004, *por ocasião dos 50 anos de Comunhão e Libertação*).

Que o Senhor vos abençoe e Nossa Senhora vos guarde. E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim! Obrigado.

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

(Traduzido por Comunhão e Libertação)